



ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E DE MEMÓRIA  
SUBJACENTES AOS TESTES NEUROPSICOLÓGICOS\*  
(ANALYSIS OF THE CONCEPTIONS OF LANGUAGE AND OF MEMORY LYING  
ON TO THE NEUROPHSYCHOLOGICAL TESTS)

Fernanda Miranda da CRUZ (IEL/UNICAMP)  
Edwiges Maria MORATO (IEL/UNICAMP)

*ABSTRACT: In general, language and memory are analysed in the neuropsychological tests mostly through metalinguistic and metamnemonic tasks. In these cases, as we discussed in this paper, language is conceived as information and the memory as locus of this information, unregarding the subject and the social practices.*

*KEYWORDS: Neurolinguistics; language; memory; memory test.*

É interessante refletir sobre as bases conceituais que têm fundamentado o diagnóstico de distúrbios cognitivos, sobretudo os destinados à investigação dos problemas de memória. O estudo das funções cognitivas realizado através de testes-padrão procura revelar algumas anormalidades que não são identificadas em diagnósticos de neuro-imagem (como as ressonâncias magnéticas ou as tomografias), por exemplo, que seriam, estes sim, “objetivos”. Os testes têm o objetivo de, além de diagnosticar e classificar o problema, aferir parâmetros de normalidade e de patologia. O método de aplicação desses testes geralmente é bem simples: são tarefas prontas que devem ser aplicadas aos sujeitos num período curto de tempo, pois a longa duração dos testes, dizem seus autores, poderia influenciar os resultados. Os testes de memória, por exemplo, estão nesse contexto: procuram identificar e classificar os problemas de memória e são utilizados para aferir parâmetros de normalidade para o envelhecimento e grau de severidade para a senilidade. Quanto a isso, colocamos a seguinte questão: se tais testes avaliam os problemas de memória, então, parece claro que eles já partem de uma determinada concepção de memória que os justificam. E não só isso; tais testes também já partem, explícita ou implicitamente, de determinadas concepções de cérebro, de normalidade e de envelhecimento. Que concepção de memória seria essa? Os testes, ao avaliarem a memória, avaliam também a linguagem, pois tomam-na como manifestação ou externalização da memória. Assim, podemos questionar também a respeito da concepção de linguagem que estaria subjacente a eles.

Estas questões levam-nos não só a analisar propriamente as tarefas dos testes-padrão para encontrar o tipo de memória e de linguagem que estaria ali sendo avaliado, mas também nos levam a fazer um percurso histórico-filosófico dos conceitos de memória (afinal de contas, o que é memória?). Esse percurso nos ajudaria a

---

\* Pesquisa de Iniciação Científica (FAPESP - 98/16475-6)



compreender muitas das concepções clássicas mantidas até hoje, e que, se não explicam o pensamento moderno, pelo menos mostram onde estão suas origens. Revendo esse percurso é que nos damos conta do forte compromisso dos testes de memória e de linguagem com uma tradição científico-filosófica dualista, representacional e idealista.

Um desses pensamentos, que faz uma retomada aos clássicos, se refere à pretensão que a maioria dos testes têm de revelar uma verdade a respeito de uma memória que julgam idealizada, infalível; daí, a sua concepção de “memória normal”. Se nos voltarmos um pouco para o legado filosófico de Platão e de Aristóteles, e até mesmo de Santo Agostinho, veremos que para eles a memória era vista como algo divinizado, o lugar onde estava depositado todo o nosso conhecimento, algo reputado à parte sensível do ser humano, ou seja, à alma. Talvez, hoje em dia, a memória não seja mais “algo divinizado”, mas ainda é tida como uma fonte idealizada da manutenção fiel do passado ou do conhecimento, o “tesouro depositado em nossa mente”, na expressão de Saussure (1981). Esta idéia de manutenção fiel do passado está presente, de certa forma, nas reflexões de Bergson, filósofo do século XIX, para quem haveria uma percepção pura do passado, que estaria armazenado em nossa mente tal como ocorrera, isto é, tal como fora registrado. Essa idéia de percepção pura do passado sem a interferência das percepções atuais é impossível para Bosi (1994), em sua importante obra intitulada “Memória e Sociedade — Lembrança de velhos”, na qual a autora dá uma dimensão narrativa à memória, tratando-a como fenômeno social. Para ela não haveria possibilidade de uma percepção pura do passado como afirma Bergson:

“a lembrança bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível, no caso, (afinal impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações da sua infância. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória.” (1994:18)

Ao que parece, falar de memória não é apenas se referir à armazenagem pura e simples do passado, e até mesmo o conceito do passado não é único e indiscutível. Nas muitas conceituações de memória exploradas até hoje, as diversas áreas de estudo tomam o fenômeno a partir das relações e do ponto de vista que vão lhe interessar. Para a Neurolinguística, por exemplo, a memória não interessa apenas de um ponto de vista biológico, fisiológico; a reflexão sobre o fenômeno parte também de sua relação com os fenômenos sociais; assim, a memória estará ligada a questões que se referem à subjetividade e à sociedade, à história e à afetividade.

Por que tratar dessas questões na análise de testes de memória aplicados no campo da Psicologia, da Neuropsicologia e das Neurociências? A necessidade de dar atenção a outras áreas nos permite ver o que é deixado de fora nos procedimentos diagnósticos, a forma como a memória tem sido analisada certamente não leva em consideração as relações que são estabelecidas, por exemplo, entre a memória, a subjetividade, a história e a sociedade. Ou ainda, nas relações que se estabelecem entre a linguagem e a memória, considerando as duas como duas formas de conhecimento, duas práticas sociais.



Para entendermos melhor esse prolífero objeto de estudo que é a memória, podemos citar pelo menos quatro importantes estudiosos que nos dão, a partir de suas idéias, as bases para repensarmos a forma como os testes neuropsicológicos avaliam a memória. Halbwichs e Bosi enfocam a memória como fenômeno social, intimamente relacionada com o sujeito. Num segundo grupo, que enfoca a memória e a linguagem em sua íntima relação com outros processos cognitivos, destacamos Luria e Vygotsky. O que esses autores apresentam em comum é considerar que a memória possui uma base significativa; com o trabalho da memória, “fica o que significa” para os sujeitos que lembram e que esquecem, na expressão de Merleau-Ponty, retomado por Marilena Chauí na apresentação da obra de Ecléia Bosi citada acima.

Para Halbwichs existiriam dois tipos imbricados de memória: a memória individual e a memória coletiva. A memória individual, interna e pessoal, compreenderia as lembranças individuais, chamada desta forma de memória autobiográfica. Já a memória coletiva compreenderia o grupo social ao qual estão vinculados o indivíduo e suas lembranças comuns aos outros indivíduos. Para este autor não haveria a possibilidade de se estudar a memória fora do que ele chama de seus “quadros sociais”. Esses quadros sociais da memória, vale notar, são fundamentais na constituição das lembranças. Halbwichs considera ainda, assim como o fará Bosi, a questão da significação das experiências como ponto de partida para se selecionar o que é lembrado e o que é esquecido. Bosi, ao entrevistar sujeitos idosos, vai reconstruindo com eles suas memórias e vai dando a essa memória uma dimensão narrativa. Admite-se, dessa forma, a importância de se relacionar linguagem e memória nas diferentes instâncias das práticas humanas e no interior de vários processos de significação.

Contudo, a relação entre linguagem e memória não é estabelecida apenas a partir de uma perspectiva sociológica. Numa abordagem sócio-cognitiva, o neuropsicólogo russo Luria e, principalmente, o psicólogo bielorusso Vygotsky, relacionam a representação do mundo e seu conhecimento com base em diferentes aspectos constitutivos da significação: linguagem, condições culturais, aspectos pragmáticos e interativos, afetividade, etc. Para os dois estudiosos, a linguagem e o “pensamento discursivo” (*cf.* Vygotsky, 1934) interferem na memória, que é caracterizada por eles como um processo cognitivo tipicamente humano e, portanto, sócio-cultural.

Estas relações fundamentais que estão na base dos conceitos de linguagem e de memória são desconsideradas nos testes que, de uma maneira geral, estão muito mais preocupados em avaliar a capacidade mnêmica de forma quantitativa (isto é, a capacidade de evocar traços ou eventos isolados). A nossa primeira crítica aos testes é que muitos deles, ao descartarem as experiências individuais dos sujeitos, deixam de avaliar a essência da memória: a base significativa que constitui a significação, organiza as sociedades e constitui os universos discursivos através dos quais agimos no mundo. A linguagem nestes testes está reduzida à capacidade de comunicação, ou ainda, a atividades metalingüísticas específicas (como verificou Coudry, 1988, em seu estudo sobre as afasias).

Analisando detalhadamente dois testes de memória, o Exame Neuropsicológico de Luria, proposto por Anne-Lise Christensen (1972), e o Mini Mental State (1974), a questão da redução da concepção da linguagem à metalinguagem e também da memória



à metamemória pode ser evidenciada. A justificativa para o estudo desses dois testes está no fato de que eles são testes representativos, vigentes e utilizados com muita frequência na literatura e na pesquisa cognitiva, bem como na prática clínica.

O Mini-Mental State (MMS), estudado como um método prático para classificar o estado cognitivo de pacientes supostamente amnésicos ou dementes, requer um tempo mínimo de 5 a 10 minutos para a sua aplicação e se constitui de 11 questões, concentrando-se somente em alguns aspectos de determinadas funções cognitivas, tais como percepção, memória, linguagem. Folstein e colaboradores (1974) consideram que o problema de algumas baterias de testes avaliativos do estado mental, como o “Witheirs and Hilton”, que inclui 33 questões, ou o WAIS (Wechsler Adult Intelligence), é o longo tempo gasto para a aplicação e a contagem dos pontos que determinam o desempenho obtido pelo paciente. Muitos pacientes idosos, com demências ou delírios, em sua opinião, só cooperariam bem em testes que exijam um curto período de tempo. Daí que, em sua opinião, o MMS seria adequado para avaliar as funções cognitivas desses indivíduos.

O MMS é metodologicamente dividido em duas sessões (isto é, duas avaliações): a primeira exige respostas orais que abrangem orientação, memória e atenção. A segunda sessão testa a capacidade para nomear, obedecer comandos orais e escritos, escrever sentenças. No MMS encontramos tarefas sobre referências temporais e espaciais, memorização de palavras, realização de operações matemáticas, repetição de expressões, cópias de figuras geométricas e tarefas que têm o objetivo de avaliar a compreensão de comandos verbais. Neste último caso, fazemos referência à prova dos “Três papéis”, de Pierre Marie, “Follow a 3-stage command: Take a paper in your right hand, fold it in half, and put in on the floor”. (Folstein, 1974). Esta prova pode ilustrar uma de nossas críticas feitas acima, ou seja, a de que esses testes reduzem à linguagem a capacidade de compreensão ou manipulação da complexidade lingüística.

Já o Exame Neuropsicológico proposto por Christensen baseia-se nos postulados de Luria e é uma tentativa de se fazer uma análise qualitativa e não quantitativa do problema. O teste num todo constitui a investigação de processos cognitivos de pacientes amnésicos. Segundo esse protocolo, os distúrbios de memória devem ser analisados e examinados de um ponto de vista neuropsicológico. A investigação sobre a memória estuda os processos de aprendizagem, retenção e recuperação, bem como um tipo de memória chamada “memória lógica”. Encontramos nesse Exame tarefas de memorização e repetição de palavras ou números, reconhecimento de formas geométricas e recordação de parágrafos e orações, por exemplo.

Ao apresentar brevemente a composição e o procedimento aplicativo dos testes, podemos apontar alguns problemas no que se refere à falta de contextualização das tarefas, o tipo de interação a partir da qual eles são produzidos, a concepção de linguagem e de memória aí privilegiadas.

Analisando o contexto no qual os dados são obtidos, observamos as implicações mais graves e diretas. Por serem produzidas em relações absolutamente assimétricas, as tarefas demandadas nesses testes ocorrem fora de qualquer contexto de conversação e de práticas em que, afinal, tanto a linguagem quanto a memória ganham sentido. O examinador, nas situações de testes, cria uma situação não usual para o



exercício da linguagem e da memória. Esta situação criada traz muitos problemas que podem afetar diretamente o desempenho dos sujeitos testados e levar a conclusões que não correspondam ao comportamento destes sujeitos em sua vida prática. Uma situação de interação criada nessas bases não corresponde ao cotidiano nem dos sujeitos lesados nem dos sujeitos sem lesão alguma. A descontextualização das tarefas é caracterizada pela situação dialógica artificial e pelo fato de se tratarem de tarefas impessoais e objetivas que descartam as experiências significativas da vida destes sujeitos.

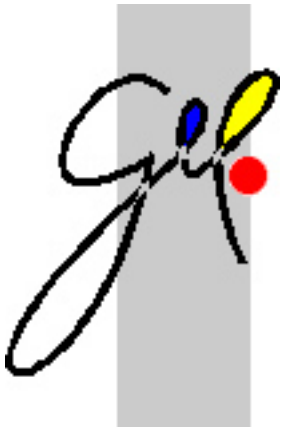
Coudry (1988) faz uma crítica à forma como o diagnóstico e a análise da linguagem em sujeitos afásicos têm sido feitos. Discutindo a predominância de tarefas de metalinguagem nos testes, a autora chama a atenção para o caráter escolar e técnico destas tarefas. Da mesma forma, podemos dizer que, quanto à concepção de linguagem e de memória veiculadas nos testes de memória, ao serem negligenciadas as relações que foram estabelecidas acima, resta apenas um caráter que é de fato analisado com as tarefas de nomeação e repetição, por exemplo; ou seja, o caráter quase técnico, no sentido instrumental do termo. Assim, a linguagem acaba sendo apenas informação, e a memória o armazenamento dessa informação. Apaga-se com isso a relação de reciprocidade entre ambas e aquilo que as coloca em relação, ou seja, as interações humanas e suas contingências discursivas.

**RESUMO:** A linguagem e a memória são analisadas nos testes-padrão através de tarefas predominantemente metalingüísticas e metamnêmicas. Essas tarefas revelam o conceito de memória e de linguagem implícito nos testes; a linguagem é vista como informação e a memória como armazenamento dessa informação, desconsiderando o sujeito e suas práticas sócio-culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neurolingüística; linguagem; memória; testes-padrão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.
- CHRISTENSEN, Anne-Lise. *El diagnóstico neurológico de Luria*. Buenos Aires: Visor, 1987
- COUDRY, Maria Hirma. *O Diário de Narciso*. São Paulo: Martins Fontes, 1988
- FOLSTEIN, Marshal, FOLSTEIN, Susan. & MCHUGH, Paul. Mini Mental State. *Journal Psychiat*, v.12, p. 189-198, 1974.
- FOUCALT, Michael. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.



- LE GOFF Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1984.
- MORATO, Edwiges Maria. *Linguagem e Cognição - As reflexões de L.S. Vigotsky sobre a ação reguladora da Linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.
- PLATÃO, *Fedro*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1981.